

DIZ AÍ, O SILÊNCIO NÃO VAI NOS PROTEGER: REPERCUSSÕES DA ESCUTA CLÍNICA ANTIRRACISTA

NATHALIA DUARTE MOURA¹; MÍRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – nathimoura18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte das experiências vividas no campo de estágio curricular obrigatório do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O estágio foi realizado por meio do projeto de extensão “Diz Aí: clínica feminista e antirracista”, o qual proporciona espaços de acolhimento e escuta clínica implicada na diversidade e na interseccionalidade existente entre os marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade e classe.

Esse projeto possibilita que os sofrimentos psíquicos transversalizados por violências racistas, sexistas e LGBTIA+fóbicas sejam ouvidos, reconhecidos, nomeados e acolhidos. Desse modo, este trabalho visa refletir sobre as possibilidades que emergem quando se disponibiliza um espaço de compartilhamento de experiências - nesse caso, um grupo psicoterapêutico -, cuja escuta se faz situada, politizada e implicada no antirracismo.

Historicamente as pessoas negras são circunscritas por lógicas com base no colonialismo, onde dinâmicas de opressão e relações de poder estabeleceram um modelo hegemônico que age retirando o grupo racial negro do lugar de *sujeito*, colocando-os em uma posição de *outridade*, que só considera a sua existência a partir da presença do sujeito branco (KILOMBA, 2019). Essa posição social está sempre em uma relação de inferioridade quando comparada ao grupo racial branco, o qual é tido como modelo de ser humano universal.

Dessa forma, o lugar que é imposto às pessoas negras produz uma série de violências que causam o silenciamento de suas vozes. Tal funcionamento vai sendo repercutido em diferentes ambientes - familiar, escolar, universitário, cotidiano - e em distintas dinâmicas relacionais-afetivas, que incidem sobre os saberes, os processos de subjetivação e sobre as experiências daqueles que buscam os espaços de escuta clínica.

LORDE (2019), falando sobre a importância da transformação do silêncio em linguagem e ação, expõe que o medo - do desprezo, da censura, do julgamento, do aniquilamento - nos acompanha ao falar, pois tememos que nossas vozes não sejam ouvidas. Mas, por outro lado, ele também nos acompanha quando permanecemos em silêncio, visto que o silêncio não nos protege e o peso dele poderá nos sufocar. Nesse sentido, nos faz questionar: basta apenas transpor o silêncio em palavras? Qual o lugar da escuta clínica e do grupo psicoterapêutico nesse contexto? Essas foram algumas inquietações que surgiram ao vivenciar tais experiências, as quais pretendo fazer emergir ao longo desse estudo por meio da produção de uma narrativa ficcional, tomada como material metodológico da discussão teórica.

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre as repercussões de um grupo psicoterápico no processo de desmantelamento do silêncio vivenciado por pessoas negras frente às violências racistas cotidianas.

2. METODOLOGIA

O projeto "Diz Aí: Clínica Feminista e Antirracista" tem como objetivo oferecer espaços coletivos e individuais de escuta clínica para pessoas da comunidade interna e externa da UFPEl. Ele é realizado no Serviço Escola de Psicologia (SEP) da UFPEl. Dentre as atividades oferecidas destacamos o grupo psicoterapêutico "Conversando sobre Raça, Gênero e Sexualidade", em atividade desde 2017. Participam do grupo seis pessoas, em sua maioria, negras e estudantes da universidade - 4 mulheres negras cisgênero, 1 homem branco cisgênero, 1 homem negro cisgênero. Os encontros são semanais, com uma hora e vinte minutos de duração, mediados por uma psicóloga e por uma estagiária de psicologia que lançam mão da associação livre para mediação do processo grupal. As questões que circulam no grupo estão frequentemente transversalizadas por marcadores de raça, classe e gênero.

Na perspectiva de narrar a experiência vivida no grupo psicoterapêutico "Conversando sobre Raça, Gênero e Sexualidade", apostamos na escrevivência EVARISTO (2017) e na ficção COSTA (2014) como grandes construtos que nos possibilitam problematizar, refletir, corporificar e materializar o vivido e suas repercussões, fazendo ecoar os sentimentos e as vozes silenciadas. Assim, utilizamos da escrita entrelaçada nas vivências, onde a ficcionalização abre espaço para uma produção de conhecimento que busca "dar concretude para a complexidade da experiência [...] para além da sua simplificação em um objeto dado" (COSTA, 2014, p. 558). Uma travessia desde epistemologias que produzem metodologias outras no campo da psicologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na ficção escrevvida, Maria, Célia, Joaquim e a estagiária de psicologia, todos reunidos em roda esperando dar o horário de início da sessão do grupo psicoterapêutico.

Maria: Não via a hora de voltar, senti muita falta de estar com vocês. Esse tempo todo longe foi muito difícil pra mim porque lá em casa e na faculdade as coisas não andam boas...

Estagiária: Então, tu gostaria de já começar falando?

Maria: Pode ser... sabe, eu chego em casa e não tenho ninguém pra falar sobre as coisas que acontecem no meu dia, muito menos sobre o que eu to sentindo. Essa semana, por exemplo, eu tentei falar em sala de aula. O professor fez uma pergunta e eu sabia responder, então eu levantei a mão e falei. Mas assim que respondi, já me arrependi porque assim que eu terminei de falar, uma colega (branca) levantou e falou basicamente a mesma coisa que eu, mas com palavras mais sofisticadas. O professor imediatamente a elogiou e eu fiquei praticamente invisível ali...

Estagiária: Como você se sentiu com isso?

Maria: A sensação que eu tive foi que o meu corpo esquentou por inteiro. Eu senti raiva, muita raiva. E, logo depois, senti uma angústia e tristeza enorme... me deu até vontade de chorar... eu queria desaparecer dali, mas só voltei a ficar em silêncio. Ainda mais porque eu já ouvi outras vezes esse grupinho de colegas brancos falando que eu não sabia falar a língua deles.

Célia: Sabe Maria, isso me fez lembrar do que minha avó sempre dizia - que temos que ser sempre duas vezes melhores em tudo e não podemos demonstrar fraqueza. Eu até concordo, mas também fico

pensando, como sustentar essa carga de ser melhor se quando vamos mostrar o que somos e sabemos, somos tratados assim... ou pior?

Joaquim: Acho interessante quando se fala que alguém esperava que tu fosse melhor... de mim, ninguém nunca esperou muita coisa. Nunca incentivaram que eu entrasse pra faculdade ou que "desse certo na vida". Então vou fazendo por mim mesmo e vendo até onde isso vai dar.

Essa ficção escriturizada retrata o quanto o racismo, enquanto uma ideologia estruturante da dinâmica social, se faz presente nas relações, instituições e atravessa as subjetividades, os modos de vida e o cotidiano, delimitando as possibilidades de existência e as noções de pertencimento dos corpos a determinados lugares. O imaginário social que se criou diante dos corpos negros, a partir do período colonial, é de que esse grupo racial representa aquilo que se aproxima do não-humano, do mal, do feio e/ou estritamente sexual, como se fossem pessoas incapazes de sentir, de receber (ou merecer) afeto, de pensar ou de se expressar de forma “civilizada” e racional (VIANA, 2019). O que resguarda a eles um lugar de inferioridade social.

A academia trabalha com a noção de que o conhecimento válido é aquele desenvolvido por uma ciência ocidental, que supervaloriza a racionalização e estabelece que há um conflito entre o que é sentido e pensado (KILOMBA, 2019). Logo, se as pessoas negras são vistas como seres não humanizados, ou seja, irracionais, se concebe que elas não são possuidoras de atributos ou competências suficientes para acessar locais entendidos como intelectualizados. Desse modo, as estruturas universitárias são circunscritas por princípios em que as diferenças raciais coincidem com a diferença espacial, onde corpos negros são lidos como “fora do lugar” quando adentram esses espaços (KILOMBA, 2019). SILVA (2005) aponta que essas articulações racistas impactam a dinâmica psíquica de grupos oprimidos, de modo a produzir uma sobrecarga e tensão emocional, além de proporcionar a internalização de simbolizações que distorcem sentimentos e percepções sobre si. Nesse sentido, pode haver “[...] o aparecimento de comportamentos de isolamento, entendidos, frequentemente, como timidez ou agressividade” (SILVA, 2005, p. 131), bem como sentimentos de inferioridade e dificuldades de expressar seus sentimentos.

À vista disso, FANON (2008, p. 130) expõe sobre a necessidade de haver “[...] um canal, uma porta de saída, através do qual as energias acumuladas, sob forma de agressividade, possam ser liberadas”, que ele vai chamar de *catharsis coletiva*. Nesse caso, o grupo psicoterapêutico disponibilizado pelo projeto de extensão “Diz Aí” se constitui como um espaço coletivo possível de proporcionar a expressão de sentimentos, emoções e experiências marcadas por concepções e violências racistas. O encontro proporcionado pelo grupo se constitui como um meio potente capaz de acolher e fomentar reverberações, elaborações, mobilizações e novos sentidos existenciais, que transformam o silêncio em linguagem e ação (LORDE, 2019). Mas, para que isso aconteça é necessário existir uma posição antirracista, ancorada em materiais, técnicas e teorias que considerem o funcionamento das relações raciais, os processos sócio-históricos e subjetivos, bem como as lógicas de opressão que atravessam e estruturam a sociedade e as relações. Ao manejar o processo grupal por esse viés, seus integrantes têm a possibilidade de se apropriar do espaço acadêmico, reavendo o seu direito de pertencimento, de fala e existência (ROSA; ALVES, 2020). Nessa perspectiva, o “encontro entre iguais” abordado por ROSA e ALVES (2020), que acontece através da participação de integrantes negros e da presença e mediação de um(a) psicólogo(a) negro(a) - nesse caso, uma estagiária negra -, se

mostra um elemento fundamental para se estabelecer sentimentos de pertencimento e estratégias de enfrentamento.

4. CONCLUSÕES

A escuta clínica antirracista promove novas tessituras na dinâmica subjetiva e relacional das pessoas envolvidas. O grupo psicoterapêutico "Conversando sobre Raça, Gênero e Sexualidade", ao proporcionar um espaço de fala, escuta e compartilhamento de experiências, tem possibilitado que vozes silenciadas rompam seus silêncios, que corpos objetificados reconstruam suas existências desde inscrições, sentidos e sentires da experiência negra, para além da violência produzida em uma sociedade racializada e racista.

As experiências produzidas pelo "Diz Aí", que embasam este estudo e possibilitam reflexões e problematizações, se mostram fundamentais para as Psicologias que se colocam comprometidas com o enfrentamento ao racismo que circunscreve espaços, práticas e teorias Psis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

EVARISTO, C. Itaú Cultural. **O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição** Evaristo, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&ab_channel=Ita%C3%BACultural

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LORDE, A. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

ROSA, E. G. da; ALVES, M. C. Estilhaçando a máscara do silenciamento: movimentos de (re) existência de estudantes negros/negras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. esp., p. 1-14, 2020.

SILVA, M. L. Racismo e os efeitos na saúde mental. In: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. (Org.). **Seminário saúde da população negra de São Paulo 2004**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005. p. 129-132.

VIANA, M. da R. Decolonizando afetos: A presença do colonialismo na construção de afetos da população negra e a decolonialidade do ser. **Revista Textos Graduated**, v. 5, n. 1, p. 69-84, 2019.